

# SUMÁRIO

---

**HELIO GUROVITZ** ..... 82  
O saco de maldades dos economistas



HELIO GUROVITZ

## O saco de maldades dos economistas

O escritor francês Gustave Flaubert deixou uma obra inacabada, publicada apenas postumamente: *Bouvard e Pécuchet*. Não é um romance convencional. Trata-se de um relato, repleto de ironia, de como os dois funcionários públicos do título, agraciados com uma herança repentina, decidem dedicar seu tempo ao acúmulo dos mais variados tipos de conhecimento e à produção intelectual. É uma sátira do pedantismo, da erudição afetada, do saber livresco e das mentes ineptas. No final do livro, os editores, seguindo um plano atribuído a Flaubert, incluíram o *Dicionário de ideias feitas*, um abecedário de termos definidos com ironia – de “arquitetura” a “valsa”, de “alcooolismo” a “vacina”, de “arenque” a “xadrez”. As definições refletem a mediocridade da opinião corrente na população, o ridículo do senso comum. Como o próprio Flaubert definiu em 1852: “Aí se encontrará, em ordem alfabética, e versando sobre todos os assuntos possíveis, tudo quanto se deve dizer em sociedade para ser um homem educado e amável”. No Brasil, não há nada igual à obra de Flaubert. Mas algo similar ao *Dicionário de ideias feitas de Bouvard e Pécuchet* foi produzido por dois economistas conhecidos, Gustavo Franco e Fabio Giambiagi, movidos por um espírito não muito distante daquele que movia Flaubert: pura maldade.

O resultado é o livro *Antologia da maldade*, uma coleção de centenas de citações, organizadas alfabeticamente, em verbetes de A a V – da “inflação” ao “uísque”, da “contabilidade criativa” à “substituição de importações”, do “controle da mídia” ao “*non sequitur*”, do “groucho-marxismo” ao “trouxa”. Em cada verbete, frases famosas ou pouco conhecidas, antigas ou modernas, reúnem, para repetir Flaubert, tudo quanto se deve dizer em sociedade para parecer erudito como Bouvard e Pécuchet. Mesmo construído com ironia, o livro tem um lado sério e útil, como referência para aquelas frases que todos usamos sem saber direito quem disse. Presta uma homenagem genuína a frasistas consagrados, como Winston Churchill, Otto Lara Resende ou Nelson Rodrigues. Franco e Giambiagi, ambos acadêmicos, afirmam no prefácio ter conferido a autoria e o texto de todas as frases. O livro traz no final um índice remissivo completo e uma longa lista de referências – muito embora sempre seja possível, com um pouco de paciência, encontrar em centenas de citações erros de atribuição (achei um) e repetições (achei duas). As mentes com interesses mais diversos também podem

considerar que há um excesso de Argentina, Machado de Assis, Fernando Pessoa e outras idiosincrasias dos autores – Giambiagi é filho de argentinos; Franco já publicou livros sobre Machado e Pessoa. Mas tudo isso são detalhes pouco relevantes, numa obra cujo objetivo evidentemente é outro.

Esse objetivo, sendo os autores economistas, é revelar a toleima que tem assolado a economia brasileira, sobretudo nos governos petistas. As vítimas preferenciais da maldade são o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a atual presidente, Dilma Rousseff. Também sobra, claro, um lugar de honra para o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega. O truque ao longo do livro é quase sempre o mesmo. Escolha uma

frase do astrônomo Carl Sagan sobre a improbabilidade da vida fora da Terra, justaponha à já célebre declaração de Dilma sobre seu “respeito” ao ET de Varginha – e, gargalhada inevitável, faz-se o verbebo “alienígena”. Além desse tipo de contraste, outra fórmula usada é a gradação – uma especialmente feliz é a sucessão de declarações sobre o combate à inflação, dadas por ministros da Fazenda desde os anos 1970, todos garantindo que a solução estava logo ali, a caminho. Há, enfim, aquelas declarações que se mostram incoerentes com os fatos e constroem seus autores – “não concordo de jeito nenhum com a ideia de que a nova matriz econômica tenha fracassado”, disse Mantega em janeiro de 2014.

Nesse formato da incoerência, os autores são até caridosos com Lula – que, convenhamos, seria um prato cheio. Mesmo assim, escavaram uma declaração dele, de 1989, cuja lembrança tem hoje um sentido especialmente cruel: “No Brasil é assim: quando

um pobre rouba, ele vai para a cadeia, mas quando um rico rouba, ele vira ministro”. A maldade mais divertida, claro, são as frases no dialeto dilmês. Está tudo lá: o dentífrico, a mandioca, as mulheres sapiens, o “diuturnamente e até noturnamente”, o “sistema hidrológico sensível à água”, “não vamos colocar meta (...), mas (...) vamos dobrar a meta” e por aí vai. De todas as tolices pronunciadas por Dilma, a única que faz falta é nossa dificuldade intransponível para “estocar o vento”. Outra falta: cariocas, Franco e Giambiagi tiveram um olhar mais detido para o Rio de Janeiro e, talvez por isso, esqueceram um petista que hoje reproduz como ninguém a alma de Bouvard e Pécuchet em suas palavras – o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad. ♦



LIVRO DA SEMANA

Antologia da maldade  
Gustavo Franco  
e Fabio Giambiagi

Zahar  
2015  
304 páginas  
R\$ 50

Helio Gurovitz é jornalista [hgurovitz@edglobo.com.br](mailto:hgurovitz@edglobo.com.br) (e-mail)  
[@gurovitz](https://twitter.com/gurovitz) (Twitter) <http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/> (web)